



Joseph Gire e a projeção transnacional de seus colegas de turma na École des Beaux-Arts de Paris

Gire y la proyección transnacional de sus compañeros de clase en la École des Beaux-Arts de París

E3_01 – Estratégias profissionais e expertise transnacional: arquitetura, urbanismo e paisagem (1880-1960)

Laís Silva Amorim¹

Universidade Federal de São Paulo, Brasil
École Nationale Supérieure d'Architecture, Lyon, França
lais.amorim@unifesp.br

Manoela Rossinetti Rufinoni

Universidade Federal de São Paulo, Brasil
rufinoni@unifesp.br

Philippe Dufieux

École Nationale Supérieure d'Architecture, Lyon, França
philippe.dufieux@lyon.archi.fr

Resumo: A partir da análise de fontes levantadas em pesquisa de doutorado em curso – voltada ao estudo da formação do arquiteto francês Joseph Gire (1872-1933) na *École des Beaux-Arts* (EBA) de Paris e de sua produção no Rio de Janeiro –, esta comunicação lança luzes sobre um grupo de profissionais que integrou a turma de arquitetura de segunda classe do segundo semestre de 1896, ao lado de Gire. Nessa turma foram identificados trinta e nove futuros arquitetos que atuaram, no início do século XX, nos cinco continentes. Dentre esses, pudemos constatar dez profissionais com atuação nas Américas, os quais compõem o foco da presente comunicação, sendo cinco franceses, quatro estadunidenses e um inglês. Diversos profissionais que passaram pela EBA de Paris foram significativamente valorizados ao buscar inserção nas Américas. A atuação e produção desses especialistas, contudo, nem sempre encontra espaço nos estudos históricos sobre a arquitetura e o urbanismo do período. Esses arquitetos atuaram em países americanos em diferentes frentes: participaram de

¹ Doutoranda em cotutela e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (processo nº 2023/16335-3).

associações de classe, apresentaram propostas em concursos, foram contratados pelo poder público e/ou pelas elites para executar projetos e obras de arquitetura, urbanismo e monumentos públicos, exibindo produções, em grande parte, associadas às linguagens Art Déco e/ou Eclética. Estudar a formação desses profissionais e as circulações e transferências de saberes que permearam suas realizações nas Américas pode descortinar novas perspectivas para compreendermos os diálogos culturais, arquitetônicos, urbanísticos, paisagísticos e sociais envolvidos na constituição de distintos territórios americanos. Nos limites do espaço disponível para uma comunicação nesse evento científico, apresentamos dados gerais sobre nove profissionais contemporâneos a Gire na EBA de Paris, bem como algumas de suas realizações e atividades nas Américas, com o objetivo de abrir caminho para futuras investigações.

Palavras-chave: École des Beaux-Arts; arquitetos e urbanistas; carreiras profissionais; Américas; transnacionalidade.

Resumen: *A partir del análisis de fuentes recopiladas en una investigación doctoral en curso - centrada en el estudio de la formación del arquitecto francés Joseph Gire (1872-1933) en la École des Beaux-Arts (EBA) de París y su producción en Río de Janeiro -, esta comunicación arroja luz sobre un grupo de profesionales que formaron parte de la clase de arquitectura de segundo grado del segundo semestre de 1896, junto con Gire. En esta clase se identificaron treinta y nueve futuros arquitectos que ejercerían, a principios del siglo XX, en los cinco continentes. Entre ellos, pudimos constatar diez profesionales que trabajaron en América, los cuales constituyen el foco de la presente comunicación, siendo cinco franceses, cuatro estadounidenses y un inglés. Varios profesionales que pasaron por la EBA de París fueron muy valorados al buscar su inserción en América. Sin embargo, la actuación y la producción de estos especialistas no siempre encuentran cabida en los estudios históricos sobre la arquitectura y el urbanismo de la época. Estos arquitectos trabajaron en países americanos en diferentes frentes: participaron en asociaciones profesionales, presentaron propuestas en concursos, fueron contratados por el gobierno y/o las élites para ejecutar proyectos y obras de arquitectura, urbanismo y monumentos públicos, exhibiendo producciones, en gran parte, asociadas a los estilos Art Déco y/o Eclético. Estudiar la formación de estos profesionales y las circulaciones y transferencias de conocimientos que impregnaron sus realizaciones en las Américas puede revelar nuevas perspectivas para comprender los diálogos culturales, arquitectónicos, urbanísticos, paisajísticos y sociales involucrados en la constitución de distintos territorios americanos. Dentro de los límites del espacio disponible para una comunicación en este evento científico, presentamos datos generales sobre diez profesionales contemporáneos a Gire en la EBA de París, así como algunas de sus realizaciones y actividades en las Américas, con el objetivo de abrir camino a futuras investigaciones.*

Palabras-clave: École des Beaux-Arts; arquitectos y urbanistas; carreras profesionales; Américas; transnacionalidad.

Introdução

Joseph Gire, arquiteto em estudo na pesquisa de doutorado que alimenta a presente comunicação, nasceu em 10 de janeiro de 1872 na cidade de *Yssingeaux*, atual região de *Auvergne-Rhône-Alpes*, na França, e faleceu no Castelo de *Arbérats*, no País Basco francês, em 5 de outubro de 1933. Sua família era proveniente do interior do país, de origem pequeno-burguesa, composta pelo seu pai Jules Gire, arquiteto e agente de obras públicas, pela sua mãe, senhora Marie Louise Aulanier e seus sete irmãos mais novos².

Em 1895, Gire ganhou o *Prix Crozatier* de arquitetura³ – o que teria possibilitado sua ida à Paris para aprofundamento dos estudos. De acordo com os dados e as pesquisas realizadas no *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA), Gire esteve na escola entre 1896 e 1900 e foi aluno de Georges Debrie (1856-1909)⁴, arquiteto que chegou a atuar ativamente no México⁵.

Gire foi admitido em 2ª classe no segundo semestre de 1896 (sem comprovações de que tenha cursado outra classe), ao lado de outros quarenta colegas. Dos 41 alunos dessa turma, conseguimos identificar traços da trajetória profissional, bem como algumas realizações, de 39 deles. Apenas as produções referentes a R. Huddy e P. Voillez não foram encontradas nas fontes de pesquisa consultadas no Brasil e na França. Dentre os 39 alunos, 29 eram franceses, 4 eram estadunidenses, 3 eram suíços, 2 eram belgas e 1 era inglês. Conforme exposto no resumo desta comunicação – os profissionais que passaram pela EBA de Paris foram significativamente valorizados ao buscar inserção nas Américas, porém a atuação e produção desses especialistas, nem sempre encontra espaço nos estudos históricos sobre a arquitetura e o urbanismo do período – abordaremos resumidamente a trajetória dos nove colegas de turma de Gire que chegaram a atuar nas Américas, sendo quatro franceses, quatro estadunidenses e um inglês⁶. Iniciaremos nossa explanação com Alfred Agache, colega de turma de Gire que ganhou proeminência no Brasil, seguido dos franceses Bourgeois, Cochet e Le Boeuffle. Na sequência, comentaremos os dados encontrados acerca das trajetórias dos arquitetos estadunidenses Cresson, Gay, Humphreys e Zantzinger, e do arquiteto inglês Wulffleff.

Os alunos da turma 1896-2 da *École des Beaux-Arts* de Paris atuantes nas Américas

Segundo as fontes consultadas, o arquiteto francês Alfred Hubert Donat Agache (1875, Tours, França – 1959, Paris, França) teria conhecido Joseph Gire em 1927, em um jantar oferecido em

² As informações aqui expostas foram consultadas na Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/inhaprod/ark:/54721/00277555> [Acesso em: 21 nov. 2024] e (COHEN; CABOT; GIRE, 2014).

³ Prêmio que associamos à carta presente em seu histórico escolar. Esse tipo de carta era normalmente exigida aos alunos que tinham bolsas dos seus departamentos/regiões para estudar em Paris, conforme consultado em: Catálogo “Le Puy 1900”, realizado pelo *Musée Crozatier* para a exposição de mesmo nome, realizada de 19 de julho a 31 de outubro de 1980 no referido museu; e na Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/inhaprod/ark:/54721/00277555> [Acesso em: 21 nov. 2024]

⁴ Eugène Georges Debrie (1856, Paris, França – 1909) – aluno da *École des Beaux-Arts* (matrícula 2930), diplomado em 13 de março de 1886 –, foi aluno de Marcellin Varcollier e de Julien Guadet. Debrie conquistou diversos prêmios, entre eles, o *Prix Müller-Soehnée* (1877), o *Prix Rougevin* (1883 e 1884) e o *Prix Lean Leclair* (1884). Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/ec6a1a6d-9f4f-413d-a192-0693094f0435> [Acesso em: 05 out. 2025]

⁵ (HOMPS, 2012).

⁶ Todos os dados aqui expostos foram pesquisados presencialmente no Centro de Documentação do *Musée d'Orsay* e na Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/> [Acesso em: 01 dez. 2025]

sua chegada ao Rio de Janeiro⁷. Acreditamos, contudo, que Agache e Gire podem ter tido contato na própria EBA, mesmo que não tenham adquirido intimidade naquela ocasião. Ao contrário de Gire, Agache chegou até a 1ª classe, tendo sido aluno de Victor Laloux, arquiteto cujo ateliê era bastante disputado no período, diplomando-se como arquiteto em 24 de fevereiro de 1905⁸.

Agache esteve no Brasil diversas vezes (acredita-se que a primeira vez tenha sido no início da década de 1920), ocasiões em que proferiu palestras e conferências, vindo a realizar, anos mais tarde, um plano urbanístico para o Rio de Janeiro a pedido do prefeito Antônio Prado Júnior, cuja gestão estendeu-se de novembro de 1926 a outubro de 1930⁹. O arquiteto chegou a ter uma filial de seu escritório no Rio de Janeiro, comandada por Étienne De Gröer¹⁰. Sabe-se, também, que Agache se instalou no Rio de Janeiro em 1927 para a realização do plano urbanístico.

Em sua trajetória na França, destaca-se a função de arquiteto do governo francês; a nomeação como arquiteto do jornal *Le Figaro* em 1910; as atuações como membro da Associação Amigável dos Antigos Alunos do Atelier Laloux, da Sociedade dos Arquitetos Diplomados pelo Governo¹¹, de 1905 a 1954; como membro da Sociedade dos Arquitetos Modernos e como membro da Associação dos Alunos e Antigos Alunos da Escola Nacional e Superior de Belas Artes. Também participou do chamado *Musée Social*, defendendo a causa da “higiene urbana, rural e da previdência social” no início do século XX – ao lado do mesmo grupo de arquitetos (Hénard, Agustin-Rey, Louis Bonnier, André Bérard, Jean Claude Nicolas Forestier, Robert de Souza, Marcel Poete, Léon Jaussely, Maurice Rotival, Henri Prost), com os quais criaria, em 1913, a Sociedade Francesa de Urbanistas¹².

Agache debruçou-se sobre a produção documental, artística e arquitetônica de seus antecessores europeus no Rio de Janeiro, o que o levou a considerar a cidade, naquele momento, como um organismo doente, com problemas no sistema de transporte, esgoto e habitação. Desse modo, valeu-se de sua percepção e compreensão da cidade, enquanto profissional das ciências humanas aplicadas no início do século XX, em correlação com a leitura da cidade feita pelos seus próprios ‘antepassados europeus’, a partir do século XVII. Considerando sua formação e atuação francesa,

⁷ (COHEN; CABOT; GIRE, 2014, p. 137).

⁸ Informações retiradas da cópia do diploma de Alfred Agache, encontrado no Centro de Documentação do *Musée d'Orsay*. É importante mencionar que, segundo as pesquisas realizadas no mesmo local, foram realizados trabalhos acadêmicos sobre as características dos ateliês de Pascal e Laloux e seus alunos, o que não ocorreu até o momento com o ateliê de Debrie e seus alunos (que foi o professor de Joseph Gire na EBA). Ressaltamos que Laloux formou trezentos arquitetos, dos quais noventa e sete eram americanos.

⁹ As palestras, conferências e a contratação pela prefeitura do Rio de Janeiro estão indicadas nos jornais: *A Noite*, 10 de junho de 1927, edição 05585; *A Noite*, 25 de junho de 1927, edição 05599. Disponíveis em: <https://memoria.bn.gov.br> [Acesso em 14 out. 2025]; além de: (AGACHE, 1930); (ABREU, 2013 [1987], p. 86-90) e (BERTONI, 2024).

¹⁰ Étienne De Gröer (1882-1974) era polonês e arquiteto diplomado pela Escola de Belas-Artes de São Petersburgo (1917). Trabalhou na Rússia, na Finlândia e depois estabeleceu-se na França (1920), onde colaborou com o atelier de Lebegue & Bénard e conheceu Alfred Agache, com quem passou a trabalhar, notadamente em Portugal e no Plano do Rio de Janeiro (entre 1927 e 1930). Elaborou com David Moreira da Silva o planejamento da cidade de Luanda na década de 1940. (CALMEIRO, 2021, p. 282); (CORREIA, 2012, p. 60) e (MASCARO, 2008, p. 25). Dados de liderança de escritório por parte de Étienne De Gröer citados segundo a palestra: “Étienne De Gröer à Lisbonne: entre voyage professionnel et expertise internationale em urbanisme”, de Ângelo Bertoni, no evento “Les voyages de l’architecte – du Voyage de formation au Voyage professionnel en France et en Europe”, em 1 de junho de 2023 na *Académie d’Architecture* em Paris; e Base de Dados AGORHA do *Institut National d’Histoire de l’Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/2b1a01c4-1a8b-4079-a1f3-22c74608b033> [Acesso em: 07 out. 2025]

¹¹ Em francês, *Société des Architectes Diplômés par le Gouvernement*, conhecida pela abreviação: S.A.D.G.

¹² Em francês, *Société Française des Urbanistes*. Base de Dados AGORHA do *Institut National d’Histoire de l’Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/2b1a01c4-1a8b-4079-a1f3-22c74608b033> [Acesso em: 07 out. 2025] e (LÓPEZ-DURÁN, 2019, p. 58-59).

Agache teria entendido o passado da cidade através de lentes europeias. Os artefatos que teve acesso, provavelmente, reproduziam uma versão da realidade também filtrada pelo que o artífice ou comitente escolheu contar. Ou seja, ao mesmo tempo que o arquiteto identificou problemas que os antigos ‘europeus não resolveram na cidade’, ele também pode ter realizado uma ruptura com o que foi produzido pelos europeus até então, já que sua mentalidade ‘moderna’, do século XX, fazia novas análises e propostas para ‘consertar’ antigos problemas com os quais a própria Europa lidava.

É nesse contexto que surgiu o plano de Agache para uma cidade monumental, seguindo seu projeto para a cidade de Camberra na Austrália¹³. Segundo Rodrigues e Oakim: “um modernismo bem-comportado que valorizava o espaço urbano como capital e mercadoria através do processo de verticalização, utilizando a novidade do ‘arranha-céu’”¹⁴. O plano, porém, não chegou a ser realizado devido à troca de governo. Apenas algumas indicações propostas foram realizadas no suceder dos anos, o que repercutiria, de certa forma, em algumas das futuras intervenções voltadas à cidade do Rio de Janeiro, como o Código de Obras do Distrito Federal, aprovado em 1º de julho de 1937, que seguiu o modelo proposto no Plano Agache¹⁵.

Entre os franceses, além de Agache identificamos Jean Louis Bourgeois, Pierre Auguste Marcel Cochet e René Le Boeuffle. O arquiteto Jean Louis Bourgeois (1876, Autun, França – 1915, Souain-Perthes-lès-Hurlus, França) atuou no Irã e nos Estados Unidos, em especial em São Francisco e Chicago, realizando edifícios institucionais. Ele foi associado da firma “Bakewell & Brown” e chegou a fundar outra sob sua liderança, a “Brown e Bourgeois”. Após falecer como combatente na Primeira Guerra Mundial, teve a honraria de um prêmio da *École des Beaux-arts* criado com seu nome, o “*Prix Jean-Louis Bourgeois*”.

Pierre Auguste Marcel Cochet, que assinava também com o pseudônimo Jean Dhauteloup (1877, Paris, França – ?), era proveniente de uma família de arquitetos: filho do arquiteto Léopold Auguste Cochet e irmão do arquiteto Georges Léopold Cochet, que atuavam em Paris. Aluno de Gaston Redon na EBA de Paris, se diplomou em 1903. Cochet participou de diversos *Salons*, realizou edifícios em Paris, um banco e a restauração de um hotel em Chamonix, além de um monumento funerário no cemitério do Père Lachaise. Também ganhou o concurso para o plano da cidade de New Guayaquil no Equador.

René Le Boeuffle (1872, Amiens, França – 1942, ?) foi estudante da *École Spéciale d'Architecture* e aluno de Gaston-Le Roy, arquiteto que atuava em Paris no 16ème; e também de Constant Moyaux, na *École des Beaux-Arts*. Le Boeuffle foi arquiteto-chefe da cidade de Le Havre, posição que lhe permitiu projetar grupos escolares, um restaurante popular e grupos H.B.M (*Habitations à Bon Marché*)¹⁶. Atuou, ainda, como presidente do tribunal civil da cidade. Também projetou o monumento de E. Bourgeois em Vers (Somme) e foi professor de técnica de trabalhos na Escola prática do edifício (*École pratique du bâtiment*). Na Bolívia, projetou o monumento à memória

¹³ Todos os dados aqui expostos foram pesquisados presencialmente no centro de Documentação do *Musée d'Orsay* e na Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/2b1a01c4-1a8b-4079-a1f3-22c74608b033> [Acesso em: 07 jan. 2025]

¹⁴ (RODRIGUES; OAKIM, 2015).

¹⁵ (SOARES, 2021, p. 167).

¹⁶ Habitações sociais construídas na França antes da Segunda Guerra Mundial e consideradas as antecessoras das H.L.M. (Habitações de Aluguel Moderado). Podemos dizer que seria uma versão francesa da conhecida Habitação de Interesse Social no Brasil, com suas devidas características específicas.

das crianças que morreram pela cidade de Sucre para o doutor Arce¹⁷. Deixou artigos críticos e históricos em revistas e é o autor das obras *Le Menuisier pratique* e *Le Serrurier pratique*, publicados pela Hachette. Foi membro da Sociedade dos Arquitetos Diplomados pelo Governo, a partir de 25 de julho de 1904.

Passemos agora aos colegas de Gire provenientes dos Estados Unidos. William Penn Cresson (1873, Claymont, EUA – 1932, ?) foi aluno da Universidade da Pensilvânia antes de ir para a *École de Beaux-Arts* de Paris. Tentou a admissão na *École* por algumas vezes, obtendo êxito com o então chefe de ateliê Georges Scellier de Gisors. Cresson cursou a EBA concomitantemente com a *École des Sciences Politiques*, carreira que parece ter sido priorizada em sua trajetória, sobretudo, a partir de 1909, quando ingressou na vida diplomática. Ao regressar aos Estados Unidos, projetou diversas residências em Washington D. C., tendo exposto na *Architectural League of New York*, em 1910, a perspectiva da casa de campo que projetou com Ward Brown, do então senador Georges S. Nixon, em Washington D.C.. Cresson trabalhou nas embaixadas dos EUA em Londres, Quito, Panamá, Lima, Petrogrado e Lisboa, além de atuar como professor de direito internacional em diversas universidades estadunidenses.

Charles Merrick Gay (1871, Newton, EUA – 1951, New York, EUA) foi capitão do Corpo de Engenheiros do Exército e envolvido no planejamento de vilarejos para trabalhadores de armas durante a Primeira Guerra Mundial. Atuou por alguns anos como arquiteto autônomo na cidade de Nova York, expôs com Nash e Carl F. Gould, Plantas Competitivas em alguns locais, como no *Washington Architectural Club*, em 1906, na Escola Primária de Augusta, na Geórgia, em Narberth, na Pensilvânia (1928 e 1931) e na Filadélfia, na Escola de Belas Artes, na Universidade da Pensilvânia (1933 e 1935). Nesse último local também ministrou palestras sobre construções (a partir de 1927). Gay também foi diretor assistente do *Franklin Institute* na Filadélfia e chefe de sua seção de transporte marítimo.

O arquiteto John Sanford Humphreys (1875, New York, EUA – 1958, ?) trabalhou no escritório de Carrère & Hastings, em Nova York, sendo responsável pela decoração interior da Biblioteca Pública de Nova York (1902-1911). Também atuou como professor de arquitetura na *Universidade de Harvard*, percorrendo desde o posto de assistente até professor emérito, em 1957. Humphreys atuou em sociedades de classe americanas e participou de grupos de ex-alunos de arquitetura da *École des Beaux-Arts*, além de ter sido membro do A.I.A (Instituto Americano de Arquitetos), de 1914 a 1940.

Clarence Clark Zantzinger (1872, Philadelphia, EUA – 1954, ?) se formou em engenharia civil pela *Yale's Sheffield Scientific School*, em 1892. Trabalhou como engenheiro por dois anos em West Virginia até resolver se voltar para a arquitetura. Assim, estudou arquitetura na *University of Pennsylvania*, em 1895, quando então partiu para a França, em 1896. Zantzinger diplomou-se pela EBA de Paris, em 1901. Trabalhou ativamente na Costa Leste do Estados Unidos, de 1902 a 1940, projetando residências, igrejas e memoriais, individualmente ou em parceria com outros profissionais, além de participar de concursos de projetos tanto na EBA como nos EUA, alguns dos quais foi vencedor. É um dos autores do projeto do Museu de Arte da Philadelphia, de 1905. Em 1910, fundou a empresa “Zantzinger, Borie & Medary”, que reunia arquitetos responsáveis por projetos tais como o do Instituto de Artes de Detroit, de 1927, e o da Biblioteca Pública de

¹⁷ Acreditamos que pode ser o ex-presidente Aniceto Arce Ruiz, que governou o país de 1888 a 1892, ou um familiar.

Indianápolis, de 1914, em colaboração com Paul Cret¹⁸. Com a morte de Medary, em 1932 a firma mudou de nome para “Zantzinger & Borie”. Zantzinger também participou de diversas associações de classe, estando presente em espaços políticos. Foi presidente da Aliança Francesa da Philadelphia.

Finalmente, citamos o arquiteto inglês Albert Charles Wulfleff (1874, Charlton, Inglaterra – 1941, ?). Nascido na região de Kent, foi aluno da *École des Beaux-arts* de Lyon, sendo posteriormente admitido na EBA de Paris, em 1896, onde diplomou-se em 1900. Wulfleff atuou como arquiteto na Suíça, de 1901 a 1909, associado à Joseph Frédéric Broillet (1861-1927), ocasião em que projetou uma sala de concerto, igrejas, *villas* e um cassino. Posteriormente, trabalhou em Paris, de 1910 a 1941, quando projetou um colégio em Fribourg (Suíça) e atuou como arquiteto do Ministério das Colônias. Em 1922, se associou à Aloys Verrey (1889-1980), participando e ganhando vários concursos de construção e/ou produção de aquarelas na Itália, Suíça, França, Senegal, Polônia, Madagascar e Egito. Sua atuação na América é identificada, até o momento, a partir dos projetos elaborados para o *Crédit Agricole*, bem como os projetos do hospital colonial em Fort-de-France e de igrejas na Martinica, colônia francesa situada nas Pequenas Antilhas, no Caribe. Suas produções foram bem diversas, atuando também em associações de classe. Foi professor de arquitetura no Technikum de Fribourg.

Com relação a Joseph Gire (1872, Yssingaux, França – 1933, Arbérats, França), arquiteto cuja produção carioca está em estudo na tese de doutorado em curso, acreditamos que tenha chegado ao Brasil a partir de um convite da família Guinle. No Rio de Janeiro, Gire projetou a Sede da Sul América Seguros, em parceria com Robert Prentice, em 1908; o Palácio das Laranjeiras, em parceria com Armando Carlos da Silva Telles (antiga residência Eduardo Palassim Guinle), em 1913; o Hotel Glória, em 1922; o Hotel Copacabana Palace, em 1923; o edifício Praia do Flamengo, em 1923; o edifício Touring, em 1928; o edifício “A Noite”, então conhecido como o primeiro arranha-céu da cidade, projetado em parceria com Elisário Bahiana, em 1929; e a residência de veraneio Octávio Guinle (Ilha de Brocoió), em 1930. Gire também teve oportunidade de intervir no edifício do Automóvel Club (1910), no Hotel Palace (1920), no Palacete Linneo de Paula Machado (1925), no Hipódromo da Gávea (1926?) e na sede do Itamaraty (1930). Sabemos também que o arquiteto teve uma produção na Argentina e na França, tendo integrado o renomado escritório dos irmãos Lucien e Henri Grandpierre, situado em Paris, antes de estabelecer uma empresa em solo carioca, em 1916¹⁹. Gire é mencionado nos jornais de época brasileiros, presente em eventos sociais e viagens. O profissional também marcou presença entre os diversos franceses que colaboraram em revistas de arquitetura, como a *Architectura no Brasil*, bem como na condição de membro do júri de Recompensas de Estrangeiros da Classe 9 (“Livraria, edições musicais, encadernação, jornais e cartazes”), na Exposição de 1922²⁰.

Ao nos debruçarmos sobre a atuação de Gire e de nove colegas de turma que chegaram a atuar nas Américas, notamos o quanto esse continente, no início do século XX, foi receptivo para jovens

¹⁸ O arquiteto Paul Philippe Cret nasceu em 23 de outubro de 1876 na cidade de Lyon, na região de *Auvergne-Rhône-Alpes*, e faleceu em 6 de setembro de 1945, em Philadelphia. Era filho de Paul Adolphe Cret, empregado comercial, e de Anna Caroline Durand. Quando jovem, trabalhou para o tio, o arquiteto Joannès Bernard, em Lyon, e realizou o início da sua formação acadêmica na sua cidade natal, na *École des Beaux-Arts de Lyon* (1893-1896), seguindo posteriormente para a *École des Beaux-Arts de Paris* (1897-1901). Informações da Base de Dados AGORHA do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA). Disponível em: <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/15627ee5-cff0-4c19-8ce3-b4d782a012fd> [Acesso em: 21 nov. 2025]

¹⁹ (AMORIM; RUFINONI, 2025, p. 216-232); (AMORIM, 2025, p. 203-216).

²⁰ (AMORIM, 2025, p. 203-216).

profissionais formados pela EBA de Paris, oferecendo-lhes um espaço profícuo para o desenvolvimento de suas trajetórias profissionais, em um movimento que evidencia uma intensa circulação de saberes. Ao contabilizarmos um total de cinco franceses, quatro estadunidenses e um inglês que atuaram nas Américas, de uma turma de 41 alunos da escola francesa, percebemos que aproximadamente 24% dos egressos alçaram carreiras transnacionais com reverberação no território americano.

De certa forma, já era esperado que os alunos americanos retornassem ao seu continente. Mas alguns dados merecem atenção, no que tange à reverberação da formação trazida por esses profissionais nesse continente: a) dos quatro estadunidenses da turma de Gire, todos retornaram para a nação de origem e ali desenvolveram suas carreiras; b) dos 29 franceses da turma, cinco atuaram nos países americanos (aproximadamente 17%); c) seis profissionais participaram de associações de classe e/ou revistas da área, fato que evidencia a presença desses profissionais em relevantes redes sociopolíticas e espaços de discussão; d) seis deles davam palestras e/ou se tornaram professores de arquitetura, disseminando conhecimentos na formação de futuros profissionais; e) o único entre os arquitetos aqui citados que atuou em uma colônia francesa na América, era inglês.

A partir dessa amostragem de profissionais, colegas de turma de Gire, notamos que sua expressiva atuação no Rio de Janeiro insere-se em um contexto de significativa circulação de profissionais formados pela EBA de Paris nas Américas. Ou seja, as Américas do Norte, Central e do Sul foram espaços explorados por essa turma (1896-2) da escola francesa, em diferentes frentes de atuação. Esse dado corrobora com a historiografia que aponta que as artes, a arquitetura e o urbanismo franceses eram reverenciados, no início do século XX, pelos países americanos. Outra consideração relevante é a presença da maioria deles em ambientes universitários e/ou associações de classe. Esses espaços, além de valorizarem a atuação de cada profissional, facilitavam a sua permeabilidade na elite local e francófila – aumentando a possibilidade de novos trabalhos e favorecendo a disseminação de referenciais projetuais, formais e culturais.

Esta comunicação apresentou um grupo de profissionais ainda pouco conhecido, que ingressou na EBA de Paris ao lado de Joseph Gire, no final do século XIX, vindo a atuar como arquitetos nas Américas anos depois. Assim como a obra de Gire atualmente em estudo, apontamos que a circulação desses profissionais nas Américas, tanto daqueles aqui citados como de egressos de outras turmas da EBA de Paris, precisa ganhar espaço nos estudos sobre história da arquitetura e do urbanismo das primeiras décadas do século XX, neste continente.

Referências

ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2013 [1987]

AGACHE, A. H. D. **Cidade do Rio de Janeiro**. Extensão, Remodelação e Embellezamento. Paris: Editora Foyer Brésilien, 1930.

AMORIM, Laís Silva; RUFINONI, Manoela Rossinetti. A obra de Joseph Gire e a paisagem urbana do Rio de Janeiro: entre a modernização da metrópole e a patrimonialização contemporânea. In: André Tavares et al. (Orgs.). **Perspectivas e reflexões em arte, circulações e transferências**. Guarulhos: UNIFESP / G3 Comunicação (Coleção Arte & Circulação), 2025, v. 1, p. 216-232. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/255743f0-8390-48ca-9cf5-886d02a383c4> [Acesso em: 6 jan. 2026]

AMORIM, Laís Silva. A École des Beaux-Arts em solo carioca: Gire e seus possíveis interlocutores. In: **Anais do 44º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte 2024 [livro eletrônico]**: tramas teórico-artísticas: teias, texturas e narrativas na História da Arte. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2025. v.1. p. 203-216. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2024/anais/2024_anais_cbha.pdf [Acesso em: 6 jan. 2026]

Base de Dados **AGORHA do Institut National d'Histoire de l'Art (INHA)**. Disponível em: <https://agorha.inha.fr/> [Acesso em: 1 dez. 2025]

BERTONI, Angelo. L'étude des trajectoires professionnelles, une contribution à l'histoire de l'urbanisme. Le cas d'Étienne de Groër (1882-1952), **Mélanges de la Casa de Velázquez** [En ligne], 54-1, 2024, mis en ligne le 28 mai 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mcv/21457> [Acesso em: 10 out. 2025]

CALMEIRO, Margarida Relvão. **Urbanismo antes dos planos**. Coimbra 1834-1934. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2021.

Catálogo da exposição “Le Puy 1900”, realizado pelo *Musée Crozatier*.

Centro de Documentação do Musée d'Orsay.

COHEN, Jean-Louis ; CABOT, Robert e GIRE, Jean. **Joseph Gire: A Construção do Rio de Janeiro Moderno**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CORREIA, Maria Alice V. de A. M. **O “Patrimônio” do movimento moderno em Luanda (1950-1975)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAUUSP, 2012.

Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Acesso em: 1 dez. 2025]

HOMPS, Hélène. Les références culturelles des émigrants mexicains de la vallée de Barcelonnette: du grand magasin à la villa, **In Situ** [En ligne], 4 | 2004, mis en ligne le 19 avril 2012, consulté le 14 octobre 2025. Disponível em: <http://journals.openedition.org/insitu/2236> [Acesso em: 13 out. 2025]

LÓPEZ-DURÁN, Fabíola. **Eugenics in the Garden: Architecture, Medicine and Landscape from France to Latin America in the Early Twentieth Century**. Tese (Doutorado em História e Teoria da Arquitetura) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 2019.

MASCARO, Luciana Palaes. **Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950**. Tese de Doutorado. São Carlos: EESCUSP, 2008.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; OAKIM, Juliana. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacer-vo/%20article/view/589> [Acesso em: 07 jan. 2025]

SOARES, José Beserra Felipe. **As influências do Plano Agache na construção do Espaço Urbano-Industrial do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Pós-Graduação em Geografia da UFF, 2021.